

O Museu Clube da Esquina e os lugares da cidade: breve reflexão sobre ações museológicas no espaço urbano

The Clube da Esquina Museum and the city's places: brief considerations over museological actions on urban space

Luiz Henrique Assis Garcia^{*} Julianne Paranhos Viana^{**}

Resumo: As políticas de patrimônio interferem e remodelam a dinâmica urbana construindo novos significados e usos para os espaços públicos. Alguns processos de patrimonialização partem de pressupostos que consideram a cidade a partir de suas qualidades arquitetônicas, estatísticas e documentais, e deixam de pensá-la em situação e em processo, considerados em sua historicidade. Mas é através da apreensão da dinâmica no tempo das construções simbólicas dos cidadãos que as ações de preservação podem aproximar-se de indivíduos e grupos sociais que vivem e consomem as cidades. O artigo é parte da pesquisa desenvolvida no âmbito do projeto *Museu Clube da Esquina: do sonho à cidade* e aborda três lugares de Belo Horizonte associados a essa formação cultural (ver GARCIA, 2000). Propõe investigar como estes espaços são afetados por ações museológicas realizadas pelo Museu Clube da Esquina (MCE) e avaliá-las a partir de percepções do público levantadas através de pesquisas e trabalhos de campo desenvolvidos num diálogo entre museologia, história e etnografia.

Palavras-chave: Museologia. Espaço urbano. Clube da Esquina.

Abstract: Heritage policies interfere and remodel urban dynamics, constructing new meanings and uses for public spaces. Some heritage-making processes are based on assumptions that consider the city from its architectural, statistics and documentary qualities, and fail to think of it in context and in process, considered in its historicity. But it is through the seizure of dynamics in time of symbolic constructions from city dwellers that preservation actions can approach individuals and social groups who live and consume the cities. The article is part of research carried out under the project *Museu Clube da Esquina: do sonho à cidade* and addresses three places of Belo Horizonte associated with this cultural formation (see GARCIA, 2000). Proposes to investigate how these spaces are affected by museological actions taken by the *Museu Clube da Esquina* (MCE) and evaluate them by the public perceptions raised through research and fieldwork carried out in a dialogue between museology, history and ethnography.

Key-words: Museology. Urban space. Clube da Esquina ("Corner Club").

1. Introdução

Através da leitura das narrativas construídas pelos órgãos oficiais de patrimônio (legislação e dossiês de tombamento) e pela análise de ações museológicas é possível traçar um caminho para a compreensão das significações dadas a certos espaços da cidade e aos processos de edificação dos *lugares de*

^{*} Graduado, Mestre e Doutor em História (UFMG). É professor e pesquisador da Escola de Ciência da Informação da UFMG, e coordenador do Colegiado do Curso de graduação em Museologia. Coordena o Observatório de Museus, além de ser membro do Centro de Convergência de Novas Mídias, grupos de pesquisa da UFMG. E-mail: uhen_asgar@yahoo.com.br

^{**} Graduanda em Museologia pela Universidade Federal de Minas Gerais e recebeu bolsa de Iniciação Científica pela FAPEMIG, sob a orientação do Professor Doutor Luiz Henrique Assis Garcia. E-mail: julianneparanhos@gmail.com

memória (NORA, 1993). As interferências oficiais das políticas de patrimônio alteram os usos e os significados do espaço urbano e, em alguns casos, criam *lugares*, onde uma (possível) relação dialógica se desenvolve, estimulando a reflexão sobre as realidades e sobre a dinâmica do tempo. Segundo Rogério Proença Leite:

A noção de lugar, menos genérica e abrangente que a de espaço, retém uma distinção: podemos entender os lugares como demarcações físicas e simbólicas no espaço, cujos usos os qualificam e lhes atribuem sentidos de pertencimento, orientando ações sociais e sendo por estas delimitados reflexivamente (LEITE, 2007, p. 35).

Como aponta Arantes (1994, p.191), “(...) ruas, praças e monumentos transformam-se em suportes físicos de significações compartilhadas”. Entretanto, na busca por uma posição no ranque das cidades globais, muitas políticas de requalificação urbana se desenvolvem atualmente sob a ótica do planejamento estratégico e contribuem para a alienação do espaço urbano, do patrimônio, das percepções sobre o passado e das tradições, ao tomá-los como produtos de consumo incentivando assim as ações de *gentrification*¹. Nesse contexto, ao considerar a cidade a partir de suas qualidades arquitetônicas, estatísticas, documentais e mercadológicas, alguns dos processos de patrimonialização e de ações museológicas deixam de pensá-la em situação e em processo (AGIER, 2011, p. 33), considerada em sua historicidade.

Buscar uma compreensão sobre a cidade e seu patrimônio deve incluir as percepções e leituras feitas pelos sujeitos que a habitam, um olhar de perto e de dentro, como refletiu Magnani (2002, p. 14). Nesse sentido, o presente trabalho intenta compreender não apenas as ações que oficializam partes do tecido urbano como patrimônio e promovem ali intervenções museológicas, mas tomar estes processos como objeto ou ponto de partida para entender a dinâmica das construções simbólicas e usos promovidos pelos cidadãos que, em proporções variadas, contribuem para validar ou não essas ações. Tais ações podem contribuir, portanto, para estriar espaços lisos das cidades (LEITE, 2007, p.40), em resposta às demandas globais que inauguram constantemente uma cartografia de não-lugares (AUGÉ, 1994).

O objeto de análise consiste em intervenções feitas pelo Museu Clube da Esquina em três lugares de Belo Horizonte: o Edifício Arcângelo Maletta, o Edifício Levy e a esquina entre as ruas Divinópolis e Paraisópolis, no Bairro Santa Tereza. Criado em 2004, com auxílio da Lei Rouanet, o Museu Clube da Esquina (MCE) é

¹ Sobre o termo *gentrification* ver (MAGNANI, 2002, p. 13) e (LEITE, 2007).

essencialmente, até o presente momento, um *web museu*² com a missão de preservar e divulgar a produção artística e as histórias do Clube da Esquina³. Instalando placas comemorativas que demarcam esses espaços⁴ como lugares de experiências e trocas culturais entre os músicos do Clube da Esquina nas décadas de 1960 e 1970, o MCE oficializou parte desses sentidos e, ao fazê-lo, contribuiu para estriar o tecido urbano. Belo Horizonte que, como outras cidades, abriga...

Uma série de representações (boatos, jornais), trajetos (profissionais, de lazer, familiares), construções (edifícios públicos, igrejas, lojas, residências) e objetos urbanos (veículos mais ou menos luxuosos, vitrinas sobre passeios, esculturas, lixeiras) [que] compõem uma cartografia imaginária da cidade atual (ARGIER, 2011, p. 68)

... e as placas alimentam essa cartografia imaginária que intenta representar algum tipo de constância, frente às constantes transformações do espaço urbano que respondem às demandas funcionais (como reformas para dinamizar o trânsito) ou adequações que envolvem a transformação da cidade em um espaço global.

Importante notar que os lugares que selecionamos contemplam diferentes situações em relação ao movimento de transeuntes, aos usos, e mesmo quanto às políticas de patrimônio. O Edifício Maletta é de uso misto (comercial e residencial), porém é reconhecido eminentemente por ser um espaço de sociabilidade, com vários bares, pontos de encontro, entre eles a Cantina do Lucas, tombada pelo patrimônio municipal. Esta área podemos considerar de natureza semi-pública. A placa fica na rampa de entrada do edifício pela Avenida Augusto de Lima⁵, local de passagem para o fluxo principal de quem busca os bares e demais estabelecimentos da parte comercial, mas também de quem corta caminho até a Rua da Bahia, ou se dirige a escritórios e apartamentos residenciais. Já no Levy, edifício residencial igualmente localizado na região central de Belo Horizonte, a placa fica ao lado da porta, de frente para a Avenida Amazonas e o intenso trânsito de pedestres e veículos. O edifício não é tombado, mas insere-se na cartografia de rememoração do Clube da Esquina pela dimensão da vida privada, como veremos adiante. A esquina por sua vez fica num

² Preferimos o termo a “museu virtual”, na medida em que é mais preciso para designar um museu sem prédio originado como sítio na internet que disponibiliza coleções, informações e conhecimento em interface digital aberta a um diálogo interativo com visitantes. Uma discussão dos termos encontra-se em Schweibenz (1998); Gouveia & Dodebei (2007).

³ Está em andamento projeto de implantação da sua sede física associada ao Centro de Referência da Música de Minas (CRMM), uma parceria da UFMG com a AAMUCE (Associação de Amigos do Museu Clube da Esquina), do qual Luiz H. Garcia participa como pesquisador.

⁴ O Museu Clube da Esquina propôs a instalação de 25 placas em diferentes localidades da cidade de Belo Horizonte. (MUSEU CLUBE DA ESQUINA, 2005). Algumas delas não chegaram a ser instaladas, como nos informou brevemente a AAMUCE, em função de restrições concernentes a edificações tombadas que fazem parte do roteiro.

⁵ O Edifício Maletta possui outra entrada pela Rua da Bahia, 1148.

ponto eminentemente de passagem e com fluxo de pessoas e veículos bem menor, no bairro de Santa Tereza. A região era considerada Área de Diretrizes Especiais por políticas urbanas e recentemente foi tombada como patrimônio cultural do município. É obviamente o lugar da cidade mais diretamente associável ao Clube da Esquina.

Nossa investigação⁶ partiu de depoimentos dos músicos disponíveis na internet e em referências bibliográficas⁷, bem como de relatos de cidadãos e turistas que frequentaram os lugares pesquisados, recolhidos em campo e também na internet, em blogs ou comentários sobre vídeos ou imagens relacionadas ao tema. A pesquisa de campo, pautada nos procedimentos básicos da etnografia, o olhar, o ouvir e o escrever (OLIVEIRA, 2000), se desenvolveu durante o mês de maio e início de junho de 2013, em diferentes horários e dias da semana. A questão do tempo em campo é uma discussão há muito debatida já que pode influir, na questão levantada por Clifford Geertz (1989) sobre a elaboração de um texto que contemple uma descrição densa. Para tanto, é importante pontuar que o presente artigo relata um trabalho em processo. Os resultados expostos aqui podem ser considerados uma sondagem das relações dos cidadãos com os lugares demarcados pelo MCE e não têm a pretensão de encontrar respostas ou pontos finais sobre as intervenções museológicas e de patrimonialização no espaço urbano e as apropriações dos sujeitos da cidade de Belo Horizonte, até porque reconhecemos que estão sempre em transformação. A proposta intenta, portanto, perceber os significados dessas intervenções realizadas na vida cotidiana e na experiência temporal da urbe, debatendo sua efetividade para a construção da memória e preservação do patrimônio cultural, além de contribuir para futuros debates e reflexões.

2. Um clube, uma esquina e um Museu

O Clube da Esquina, como formação cultural⁸, desenvolveu grande parte de suas sociabilidades na cidade de Belo Horizonte. Lugares específicos eram pontos de encontro entre os músicos do Clube da Esquina⁹ com outros músicos, artistas e

⁶ Em diferentes momentos, entre 2013 e fev.2015, o projeto recebeu bolsas IC e apoio financeiro da FAPEMIG e da Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais. A ambas o nosso agradecimento.

⁷ <<http://www.museuclubedadesquina.org.br>>. Acesso em diversas datas durante os meses de abril, maio e junho de 2015. Ver ainda (BORGES, 1996; GARCIA, 2000, 2012a; MATTOS, 2006).

⁸ “Na conceituação de sociologia da cultura oferecida por Williams, as *formações* são as formas de organização e auto-organização próprias dos produtores culturais, independentes de *instituições* (WILLIAMS, 1992, p. 35 apud. GARCIA, 2000, p. 25). Ver também (DINIZ, 2012).

⁹ Garcia (2000, 2012a) cita como principais membros do Clube da Esquina Beto Guedes, Fernando Brant, Lô Borges, Márcio Borges, Milton Nascimento, Murilo Antunes, Nelson Angelo, Nivaldo Ornelas, Novelli, Robertinho Silva, Ronaldo Bastos, Tavinho Moura, Toninho Horta e Wagner Tiso.

cruzamento das Ruas Paraisópolis e Divinópolis tem um trânsito de carros significativo, pois é caminho de acesso ao viaduto que conecta o Bairro de Santa Tereza à Avenida dos Andradas. À noite, o trânsito reduz, mas nos finais de semana o movimento de carros se intensifica, pois Santa Tereza também é um bairro boêmio e com grande concentração de bares e restaurantes, inclusive nas proximidades da esquina.

Vale apontar como a prosa do texto remete ao “prosaico”, dimensão explorada esteticamente ao longo de toda a obra do Clube da Esquina. Torna-o memorável, e talvez possamos falar aqui de uma “monumentalização do prosaico”. Ao promover a rememoração do tempo em que aquela esquina era um lugar de sociabilidades dos jovens, a placa mantém não apenas a memória do Clube da Esquina como formação cultural de relevância para a Música Popular Brasileira, mas também registra por contraste as transformações dos usos do espaço urbano:

Entrecruzamento de duas vias urbanas, em que transitam os habitantes da metrópole, imputando-lhe múltiplos significados a partir da diversidade de suas práticas sociais e visões de mundo, a esquina surge para nós como um espaço que vai sendo recoberto por diversas significações: lugar de brincadeiras na infância, ponto de encontro na juventude, referência de objetivos compartilhados, local de passagem para carros e passantes apressados que se torna a referência lúdica de sujeitos criativos que rompem seu aspecto provinciano com sua intenção universalista. (...) Ela se transforma em local de parada, de conversa, de movimentos circulares de rumo indefinido, de suspensão do tempo dos atarefados. Ela se torna um espaço “aberto”, onde se pode passar ou ficar, espaço que atrai mas não aprisiona. De caminho, ela se transmuta em destino, para depois torna-se novamente caminho (GARCIA, 2000, p. 19-20).

Atualmente, a esquina do Clube não é mais o pedaço dos jovens, um lugar de encontro e permanência, como foi possível observar durante as visitas ao local e andanças pelas imediações. É possível intuir, no entanto, que a esquina, como lugar de sociabilidades públicas, foi substituída por outros lugares e encontrá-los seria outra pesquisa. Do outro lado da esquina onde estão instaladas as placas, há um pequeno estabelecimento comercial, uma mistura de bar e mercearia que funciona desde 2011. Seu proprietário, Clauberti, conversou um pouco sobre a esquina. Morador do bairro, contou a história do Clube da Esquina e revelou que os ocasionais visitantes que tiram fotos na esquina já o abordaram para se informarem sobre o horário de funcionamento do Museu. Uma das placas ali instaladas¹² possui com destaque, como parte de suas inscrições, o nome Museu Clube da Esquina (Figura 2). É importante nesse momento,

¹² A esquina recebeu a instalação de duas placas: a primeira, instalada em 1996 pela Prefeitura de Belo Horizonte, contém a letra da canção *Clube da Esquina*. A segunda, instalada através das ações do MCE, contém a homenagem aos garotos que frequentavam o local, transcrita anteriormente.

contextualizar a atuação do MCE na cidade de Belo Horizonte, cuja iniciativa que demarca espaços da cidade também é fruto dos debates que levaram às transformações da noção de museu.



Figura 2 - Placas instaladas na parede de pequeno edifício localizado na esquina entre as ruas Paraisópolis e Divinópolis, 13/09/2012. Foto: Luiz H. A. GARCIA.

Os debates que colocaram em questão a atuação dos museus e da museologia iniciaram-se em meados da década de 1970, incentivados pela a implantação do Comitê Internacional para a Museologia - Icofom (CERÁVOLO, 2004, p. 238). Estiveram centrados no papel social dos museus e na museologia como disciplina acadêmica. Como resultado houve o deslocamento da ideia de museus (e de museologia) centrados em suas coleções para a noção de museu com a comunidade e não somente para a comunidade (GUARNIERI, 1990, p. 206), induzindo órgãos como o Conselho Internacional de Museus e a Unesco a repensar a noção de patrimônio e reconhecê-lo como integral e vivo (LIMA, 2007, p. 10). Essa percepção articulou-se “com a proposta de que os museus se dessacralizassem, se socializassem e se envolvessem com as populações ou comunidades” (CERÁVOLO, 2004, p. 260). Inicia-se, portanto, a incorporação pelo museu da “problemática social urbana, tornando-se um agente transformador da sociedade” (GARCIA, 2012b, p. 04).

O museu contemporâneo alargou suas fronteiras ao propor operações extramuros e os museus de e na cidade passaram a percebê-la como bem cultural, operando sobre ela, assim como os ecomuseus operam sobre o território (MENESES, 2003, p. 275). As ações museológicas que percebem espaços da cidade como um bem cultural devem, contudo, considerar seus atores e sujeitos para que as noções

canônicas sobre o museu sejam gradativamente transformadas, tendo em vista a dimensão social dessa instituição, transformando assim o imaginário de museus fechados em seu próprio interior, há tanto sustentado. O que denominamos em outro trabalho de intervenções museais

dialogam com o próprio espaço urbano em que são instaladas, possibilitando a reflexão sobre os significados atribuídos e ações protagonizadas, de modo a articular a produção de memória e sentido às práticas e relações dos grupos sociais no contexto da cidade (GARCIA, 2009, p.70).

Consideramos assim que a esquina é “viva” no que diz respeito às apropriações. Durante a pesquisa de campo não chegamos a presenciar visitantes, contudo os depoimentos dos moradores sempre ressaltaram a presença de visitantes que se apropriam do lugar através do registro fotográfico. Flavio Emanuel reside no bairro há três anos e considera a instalação das placas como uma ação importante para a memória do Clube da Esquina e de um tempo. Seu depoimento aponta para os significados que a ação do MCE busca manter na memória dos cidadãos:

Isso é um memorial, marca um momento, de um tempo onde a galera se encontrava, onde as coisas começaram. É um símbolo, o lugar é um emblema. Santa Tereza é um bairro rico, específico do pessoal da música e o movimento do Clube da Esquina atrai outros músicos e a música é o que lembra o ambiente, é a música que faz lembrar o fato do passado. As placas guardam a memória de uma coisa que está muito viva. Você liga a TV e vê isso muito vivo... a propaganda da TIM que tem a música [canta] ‘você pega o trem azul, o sol na cabeça...’ As músicas do Clube da Esquina são poesias, os membros do Clube da Esquina e o trabalho deles são um patrimônio. Eu quero crer que as pessoas são um patrimônio pelo o que elas representam e fazem. Quando você publiciza a música ela é um patrimônio. Olha o que essa música mineira fez: trouxe muita gente, trouxe músicos e fez trocas [cita diversos músicos mineiros e de outros estados], tudo é um achado. As pessoas do bairro são abençoadas por esta esquina, escolas, crianças e pessoas de fora vêm tirar fotos aqui (EMANUEL, 2013).

3. O Edifício Levy

Localizado na Avenida Amazonas, 718, no Edifício Levy residiram a família Borges e Milton Nascimento em meados da década de 1960. Os apartamentos, corredores, hall de entrada e escadarias, foram cenários dos vários encontros entre os músicos e letristas do Clube da Esquina com outros jovens que ali moravam, formando

a “Turma do Levy”. Assim como a esquina, o Levy, além de morada, era um lugar de encontro, de trocas e sociabilidades. Em depoimento cedido para o sítio eletrônico do Museu Clube da Esquina, Márcio Borges relata sobre a juventude no Edifício Levy:

E lá no Levy tinha o Cássio James, que era realmente amigo do Marcelo Ferrari, tinha o Leonardo Padrão, o Sérgio Maldonado. A turma era muito grande, tinha uns 50 meninos jovens. Eu sentia que tinha ali uns três ou quatro confiáveis mesmo, em termos de amizade. E os outros já eram muito amigos entre si. E hoje eu vejo que a juventude é assim mesmo, é segregadora pra caramba. Você tem uma turminha aqui e zero pra turminha de lá. Difícil penetrar num ambiente já formado, eu sentia isso. Mas de qualquer forma eu fui cada vez me juntando mais com o Bituca mesmo. E éramos eu e o Bituca juntos o tempo inteiro¹³.

A placa instalada bem ao lado da porta de entrada da Avenida Amazonas¹⁴ (Figura 3) também rememora as sociabilidades do lugar além de colocá-lo como ponto de partida da trajetória artística de músicos e compositores do Clube da Esquina:

No início da década de 60, dezenas de jovens moradores e agregados formavam aqui a ‘Turma do Levy’. Desta galeria projetaram-se para a fama vários moradores, como os compositores Milton Nascimento, Wagner Tiso, a cantora Martinha e os irmãos Marilton, Márcio e Lô Borges. No apartamento dos Borges eram realizados os ensaios do grupo ‘Evolussamba’, formado por Milton Nascimento, Marilton Borges, Wagner Tiso e Marcelo Ferrari.

Ir à Avenida Amazonas no horário de pico para apreciar a placa é também enfrentar o movimento brusco da cidade: transeuntes apresados, pontos de ônibus cheios, mendigos, pedintes, vendedores ambulantes, sons de lojas que se misturam com as impaciências dos motores dos carros presos ao sinal de trânsito que organizam a vida entre Avenida Amazonas e Rua Curitiba (Figura 4). Em meio ao movimento aparentemente desorganizado a porta de entrada do Levy corresponde ao fluxo do seu lugar na cidade. Pessoas, moradores ou visitantes, entregadores e trabalhadores diversos, com sacolas, mochilas ou de mãos vazias, escutando música, passeando com o cachorro, indo ou vindo da academia, entram e saem sem parar para lembrar, rever, perceber ou se apropriar da pequena placa comemorativa do Clube da Esquina, que parece perdida em meio ao movimento da cidade. À noite e aos finais de semana, o trânsito de carros e cidadãos é menor, assim como o fluxo de moradores que entram e saem.

¹³ Disponível em: <<http://www.museuclubedadesquina.org.br/museu/depoimentos/marcio-borges/#localidades-belo-horizonte>>. Acesso em: jun. 2013.

¹⁴ O Edifício possui uma entrada pela Rua Curitiba, 857.



Figura 3 - Portaria do Edifício Levy à Av. Amazonas, Centro, 06/11/2013.
Foto: Julianne Paranhos Viana.

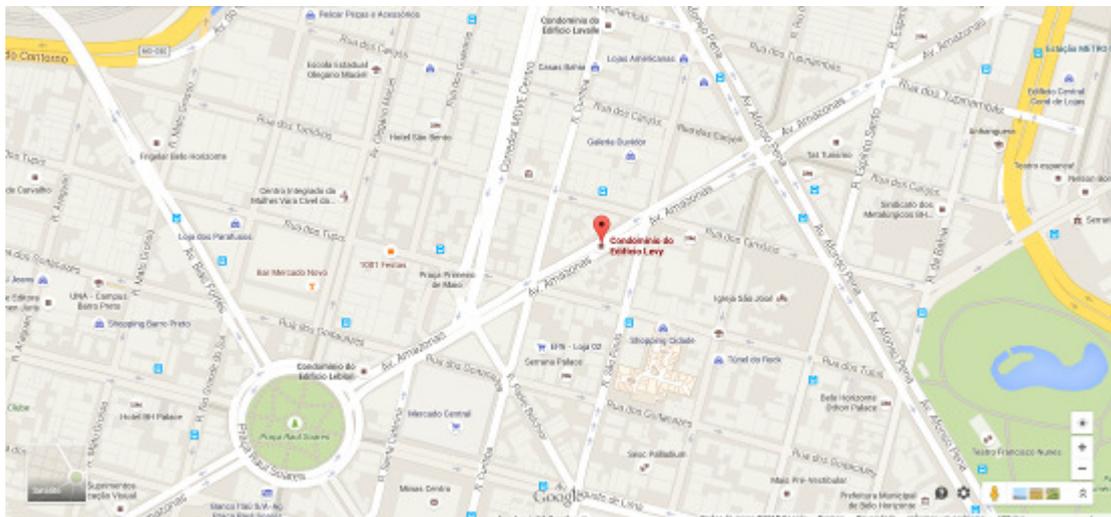


Figura 4 - Mapa do Centro de Belo Horizonte, destacando Edifício Levy.
Fonte: extraído do Google Maps em 13/07/2015.

A entrada do prédio pela Avenida Amazonas está situada entre dois pontos de ônibus o que intensifica o trânsito de carros e pessoas. As lojas ao lado do prédio e do outro lado da avenida são de natureza diversificada, atendendo a variadas necessidades de consumo: academia, lojas de enxovais, utilidades domésticas, lojas de roupas, eletro-eletrônico, banca de revista, lanchonetes, farmácias. Em meio aos

múltiplos estímulos visuais a placa, alheia ou sufocada pelo movimento da cidade, marca um tempo e remete à experiência estética e musical de um grupo de artistas, mas não as comunica; interage com o espaço timidamente, não convida à reflexão o cidadão apressado.

Durante a pesquisa de campo, 25 pessoas foram entrevistadas¹⁵. A investigação é eminentemente qualitativa e de caráter exploratório. Nossa preocupação não era aferir resultados estatisticamente significativos, e sim buscar insights a partir da diversidade das falas, significados estabelecidos e modos de apropriação dos lugares, pois entendemos que a ação museológica deve descobrir justamente como dialogar com a pluralidade de sujeitos que transitam pela urbe.

Pela análise das entrevistas realizadas, foi possível apreender que aqueles que gostam das músicas do Clube da Esquina conhecem as intervenções do Museu e citam principalmente as placas instaladas na esquina em Santa Tereza. Os entrevistados com menos de 25 anos reconhecem o Clube da Esquina quando o Milton Nascimento é citado e desconhecem as intervenções do Museu. Kauan de 24 anos relatou sobre a placa do Edifício Levy: “Essa placa deveria estar em um lugar onde as pessoas ficam, como na Praça Sete, onde tem visibilidade” (KAUAN, 2013). A questão apontada por Kauan é interessante: até porque não era de seu conhecimento que a Praça Sete também fora contemplada com uma placa¹⁶. Sua fala dá indícios para pensarmos a questão da visibilidade, considerando a linguagem visual e textual utilizadas na placa, suas dimensões e local de instalação. Para tanto, tomamos como premissas as funções básicas dos museus - pesquisa, preservação e comunicação (MENSCH, 1992), observando que esta última, quando aplicada a atividades extramuros das instituições museológicas, deve considerar a cidade em movimento, que apresenta em sua paisagem diferentes estímulos com os quais tem que competir.

A relação do Clube da Esquina com os lugares da cidade demarcados é uma construção corriqueira no imaginário dos cidadãos e a esquina no Bairro de Santa Tereza é referência. O vendedor ambulante João Martins, ao responder se conhecia o Clube da Esquina, cheio de ironia e graça disse: “Mas você está no lugar errado! O Clube da Esquina é lá em Santa Tereza!” (MARTINS, 2013). Sentado em um degrau de uma loja fechada, ele contou sua versão da história do Clube da Esquina. Em uma

¹⁵ O procedimento de seleção de entrevistados consistiu em amostra aleatória, considerando a disponibilidade do cidadão, e as entrevistas duraram, em média, de 5 a 10 minutos. Aplicou-se roteiro semi-estruturado cujo intuito era induzir o entrevistado para uma conversa informal que abordava o Clube da Esquina, o MCE e as placas instaladas nos lugares pesquisados.

¹⁶ De difícil visibilidade, está localizada no Edifício Helena Passig, onde Milton trabalhou como escriturário antes de seguir a carreira como músico.

reconstrução de sua memória contou sobre os shows em praça pública e sobre as dificuldades de sair à noite em Belo Horizonte:

A noite é cara, tem que pagar para entrar nos lugares e os shows na rua acabaram (...). Depois veio a geração do Skank que faz show na praça. Hoje o povo quebra as praças. Hoje o povo não tem cultura e quebra tudo. Antigamente o povo entrava na borracha. A ditadura foi ruim, mas não tinha mendigo, a gente tinha que trabalhar. O povo pede dinheiro para droga, não é para comida. A polícia distribuía borracha (MARTINS, 2013).

Durante a conversa, quando as placas e o MCE foram abordados, surpreso, o entrevistado revelou que nunca havia percebido a placa instalada no Edifício Levy. João vende nos pontos de ônibus da Av. Amazonas e dizia que “A placa está muito apagada, tinha que ter destaque, o nome do prédio chama mais a atenção que a placa (...). Noventa por cento da população não sabe o que é o Clube da Esquina” (MARINS, 2013, p.146).

O depoimento de João Martins revela muito sobre as transformações do espaço urbano e seus usos. Ao lembrar que as ruas da cidade eram palco para atrações artísticas e que na atualidade o acesso a essas atividades depende de certo poder aquisitivo, nos leva a refletir sobre o possível esvaziamento da qualidade de esfera pública do espaço urbano e seu patrimônio que na atualidade abre espaço para o espetáculo e consumo incentivados pelos processos de *gentrification* (LEITE, 2007, p.199). Inevitável percebermos também em sua fala um grau de invenção, de fantasia, o que é próprio de exercícios de rememoração. A quem se lembra, o passado pode parecer mais coerente, mais coeso, pujante culturalmente em contraste com o presente e suas contradições. É comum a memória social enquadrar um dado passado como “época de ouro”. É significativo que o conteúdo das placas, mesmo sendo de caráter celebrativo, remeta a pormenores bem mundanos, cotidianos, evitando o discurso empolado e laudatório. Assim, é cabível observar que a placa, mesmo sem o destaque que a coloque como um objeto urbano capaz de competir com os diversos estímulos visuais, ou a aproxime do efeito comunicacional esperado de uma ação museológica, uma vez percebida, contribui para que “(...) em função do presente, releituras constantes do passado, que deve sempre ser posto em causa.” (LE GOFF, 2003, p. 306).

4. O Edifício Archangelo Maletta

Um dos lugares da boemia belo-horizontina, o Maletta (Figura 5), além ser um prédio residencial, abriga diversos estabelecimentos comerciais: de restaurantes, a

papelarias, escritórios de advocacia, ateliê de vestidos de noiva, *lan-houses*, bares, banco e cafés. É nesse lugar que hoje se apresenta como um caldeirão de sociabilidades diversas que, durante a década de 1960, os músicos do Clube da Esquina se reuniam nos bares para beber, trocar ideias, encontrar amigos, compor e tocar:

Nos anos 60, o edifício Malleta, no centro de Belo Horizonte, representava exatamente este tipo de espaço para onde confluíam grupos culturais mais ou menos informais, como cineastas amadores, atores e músicos. Em seus diversos bares a música fluía, e foram palco das primeiras apresentações de Milton Nascimento, no Sagarana (...) Também o bar Berimbau, casa especializada em jazz onde se apresentaram Milton, Wagner Tiso, Nivaldo Ornelas, servia de ponto de encontro e troca de informações entre os músicos. Tratava-se de ambientes propícios para o contato com a cultura popular e com a vida cotidiana da cidade, ressaltando a importância do hábito boêmio e todo desempenho oral ligado à conversa de bar. (GARCIA, 2000, p.31).

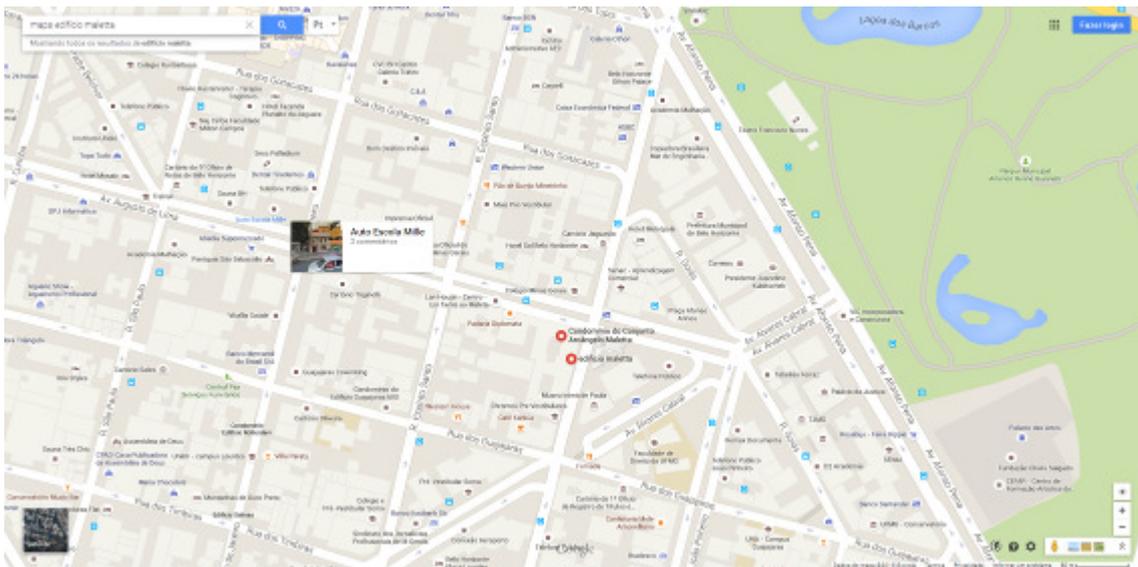


Figura 5 - Mapa do Centro de Belo Horizonte, destacando Edifício Malleta.
Fonte: extraído de Google Maps em 13/07/2015.

Assim como na esquina e no Levy, o Malleta, situado na Avenida Augusto de Lima 233, era um local de sociabilidades entre os membros do Clube com uma gama maior de intelectuais e artistas da cidade. A placa comemorativa está instalada ao final da rampa de acesso da entrada da Avenida Augusto de Lima (Figura 6) e corrobora com a ocorrência dessas sociabilidades entre diferentes intelectuais e artistas e aponta para os lugares que eram frequentados pelos músicos:

Conjunto Archangelo Malleta: Homenagem do Museu Clube da Esquina a este reduto de jornalistas, músicos, atores, cineastas, políticos e estudantes que se reuniam nas décadas de 60 e 70, nos bares Pelicano, Sagarana, Lua Nova, Cantina do Lucas, Oxalá e no Berimbau, boate de jazz e bossa nova, fundado por Nivaldo Ornelas e Antônio Moraes. Em seu pequeno palco atuava o Berimbau Trio, formado por Milton Nascimento, Wagner Tiso e Paulo Braga.



Figura 6 - Imagem parcial do interior do Conjunto Archangelo Malleta, e referida placa, 06/11/2013. Foto: Julianne Paranhos Viana.

A placa, como no caso do Edifício Levy, também parece ser apenas testemunha do intenso movimento da cidade. A galeria do Maletta contém, além do fluxo de consumidores dos estabelecimentos comerciais, um intenso movimento de transeuntes que usam o local como caminho de acesso entre a Avenida Augusto de Lima e Rua da Bahia. Durante as pesquisas de campo, observamos que o lugar de instalação da placa não aciona uma relação dialógica com aqueles que frequentam o Maletta: o lugar é um espaço de passagem, de fluxo e não possui características ou condições para a leitura, observação e fruição. Dentre os entrevistados no local, apenas Vagner, funcionário do Salão Máximo desde 1975, conhecia a placa. Muitos dos entrevistados ficavam surpresos com a informação como é o caso de Karminha Primo, que após ser informada sobre as ações do Museu Clube da Esquina refletiu:

“Essa placa aqui cumpre a função de representar a memória de BH. Inclusive o Carlos Drummond de Andrade frequentava aqui, os intelectuais frequentavam esse lugar” (PRIMO, 2013). Conversamos por muito tempo e lembrar o Clube da Esquina, fez com que Karminha rememorasse suas experiências durante o período da ditadura.

Assim como na esquina e no Levy, a placa instalada no Edifício Maletta é testemunha das transformações dos usos do espaço urbano. O Maletta, apesar de ainda abrigar bares que foram lugar de encontro dos músicos do Clube da Esquina como a Cantina do Lucas e o bar Lua Nova, nos últimos anos passou a abrigar estabelecimentos que correspondem às novas experiências estéticas, artísticas e culturais vividas em Belo Horizonte, como é o caso da primeira galeria de arte instalada no edifício, a Quina Galeria, que comercializa e expõe trabalhos de arte contemporânea. O Maletta é um palimpsesto da vida cultural e boemia de Belo Horizonte. Sara Cohen (2007), tratando de lugares associados à música popular em Liverpool, emprega esse mesmo conceito para ressaltar as diferentes camadas de sentidos atribuídos em um mesmo espaço da cidade.

5. Considerações finais

O espaço urbano e seu patrimônio também se transformam de acordo com as demandas do capital e as construções do passado por vezes são atropeladas pela “agorafobia” (ARANTES, 1994, 192). Os museus, lugares de memória, podem se abrir na contemporaneidade para uma relação dialógica que intenta, em vez de corroborar com um culto monológico ao passado, refletir sobre este reconhecendo o regime de historicidade (HARTOG, 2013) vigente no presente, que dinamicamente o reelabora. Entretanto, cabe notar que vivenciamos uma experiência do tempo marcada pelo imediatismo e eternamente em crise. Assistimos a substituição da confiança no progresso pela preocupação em salvaguardar: “Gostaríamos de preparar, começando por hoje, o museu de amanhã e reunir os arquivos atuais como se já fosse ontem, visto que estamos presos entre a amnésia e a vontade de não esquecer nada.” (HARTOG, 2013, p. 238).

As intervenções realizadas pelo Museu Clube da Esquina podem promover uma reflexão que nos leve a encarar as ansiedades associadas às esperanças ou pessimismos sobre o futuro. Ainda que as placas pareçam, em um primeiro momento, alheias à dinâmica urbana, estas possuem potencial como parte integrante da cartografia imaginária da cidade e trabalham para estriar seus espaços lisos,

sobrepondo sentidos e significados que contribuem para uma experiência urbana intensa. A atuação do MCE e sua atual tipologia são um reflexo dessas transformações. Mesmo sendo essencialmente um *web museu*, ele interfere no espaço urbano da capital aproximando os cidadãos e os turistas às novas noções de museu: de um lugar de culto do passado, de relações monológicas, isolado dentro de seus muros, para um lugar de debate, de relação dialógica, em que a história pode ser apreendida pelo “duplo movimento” de reflexão sobre o tempo, em que o presente poderá ser compreendido pelo passado e o passado pelo presente (LEGOFF, 2003, p. 307).

Tereza Cristina Scheiner aborda a noção de museu “enquanto representação simbólica” e de “intrínseca (...) capacidade de transformação”:

Podemos, então, percebê-lo como fenômeno, como algo que se dá em processo, essencialmente vinculado à dinâmica dos processos culturais. E compreender que, como fenômeno, se manifesta e faz presente na experiência humana de diferentes maneiras: o Museu se dá em pluralidade (SCHEINER, 2008, p. 36-40).

Percebendo o museu como processo, é possível esperar do MCE uma gama de ações futuras que intensificará sua atuação na cidade, contribuindo assim para que os futuros visitantes/passantes que se dirigirem a qualquer um dos locais observados nesta pesquisa entendam que nestes há um pedaço e uma marca do Museu Clube da Esquina e que o mesmo opera para além de um possível espaço intramuros ou da *web*. A esquina das Ruas Divinópolis e Paraisópolis no Bairro Santa Tereza, e os Edifícios Levy e Archangelo Maletta, ao serem demarcados com as placas, transformam-se em lugares de memória. Consideramos que, nos casos aqui apresentados - principalmente o Edifício Levy e Maletta - mesmo que as placas estejam instaladas em lugares de difícil percepção por se tratarem de lugares de passagem e de fluxo de pessoas, estas, ao serem percebidas pelos sujeitos, colaboram para trazer à tona a memória individual e social. Cumprem assim sua função de marcar no tempo os sentidos construídos sobre e no lugar, sentidos estes que se fundem com os novos usos e significados que as pessoas atribuem ao espaço urbano.

Desse modo, mesmo havendo na ação desenvolvida pelo MCE algumas deficiências no cumprimento da função museológica da comunicação, as placas contribuem para a preservação do patrimônio cultural da cidade. Nesse sentido seria interessante que além do roteiro publicado (MUSEU CLUBE DA ESQUINA, 2005) houvesse alguma forma de comunicar na placa a existência de um circuito, através de

um mapa ou enumeração dos pontos em que as demais foram posicionadas. Para arrematar, entendemos que para alcançar um melhor exercício de suas funções, os museus devem considerar com atenção a função museológica de pesquisa. Quando se trata de intervenções museais que tomam a cidade como artefato e bem cultural, as pesquisas desenvolvidas, além de contemplar as qualidades arquitetônicas, documentais, estatísticas, turístico-mercado-lógicas e relevância histórica para o tema do museu, devem considerar as leituras realizadas pelos cidadãos. Este deve ser um procedimento contínuo, que leve à rua o museu e seus profissionais.

Referências

AGIER, Michel. Introdução: Do urbano global à antropologia da cidade; Um etnólogo nas cidades; Os saberes urbanos da antropologia; Situações elementares da vida urbana. In: _____. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo, SP: Editora Terceiro Nome, 2011. p. 31- 44; p. 45 – 58; p. 59-88; p.89-100.

ARANTES, Antonio Augusto. A Guerra dos Lugares. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro n. 23, p. 191-203, 1994.

AUGÉ, Marc. *Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Tradução Marília Lúcia Pereira. Campinas, SP: Papirus, 1994.

BORGES, Márcio. *Os sonhos não envelhecem: histórias do Clube da Esquina*. São Paulo: Geração Editorial, 1996.

CERÁVOLO, Suely Moraes. Delineamentos para uma teoria da Museologia. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 12, n. 12, p. 237-268, jun./dez. 2004.

COHEN, Sara. 'Rock Landmark at Risk': Popular Music, Urban Regeneration, and the Built Urban Environment. *Journal of Popular Music Studies*, IASPM-US/Wiley, v.19, n. 1, p. 3-25, 2007.

DINIZ, Sheyla Castro. Clube da Esquina: disputas por legitimidade no campo artístico da música popular brasileira. In: Congresso da Brazilian Studies Association, XI, 2012, Champaign-Urbana, Illinois, Estados Unidos. *Anais Eletrônicos...* Champaign-Urbana: BRASA, 2012. p.1-9.

GARCIA, Luiz H. A.. Coisas que ficaram muito tempo por dizer: o Clube da Esquina como formação cultural. *Dissertação* (Mestrado), FAFICH/UFMG, Belo Horizonte, 2000. Orientador: Prof. Dr. Regina Helena Alves da Silva.

GARCIA, Luiz H. A.. O lugar da História: intervenções museais no espaço urbano em Belo Horizonte. In: Semana dos Museus USP, 7, 2009, São Paulo. *Anais...* São Paulo: USP, 2009. p. 62-70.

GARCIA, Luiz H. A. Canções Feitas na Esquina do Mundo: música popular e trocas culturais na metrópole através da obra do Clube da Esquina. *Revista Brasileira de Estudos da Canção*, Natal, n.2, jul./dez, 2012a, p. 40 – 61.

GARCIA, Luiz H. A.. Patrimônio Urbano e Música Popular: narrativas plurais na cidade e no museu. In: GRANATO, Marcus; SCHEINER, Teseza C. M. (Orgs.), *Museologia, Patrimônio, Interculturalidade: museus inclusivos, desenvolvimento e diálogo intercultural*. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, IV Seminário de Pesquisa em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola) / 21 ICOFOM LAM, textos seleccionados, 2012b. p.309-322. Disponível em:

<http://www.mast.br/pdf/livro_de_resumos_iv_siam_volume_1_final.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2015.

GEERTZ, Clifford. Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura; O Impacto do Conceito de Cultura sobre o Conceito de Homem. In: _____. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC - Livros Técnicos e Científicos. Editora S. A., 1989. p.3-24; p.25-40.

GOUVEIA, Inês; DODEBEI, Vera. Memória de pessoas, de coisas e de computadores: museus e seus acervos no ciberespaço. *Musas: revista brasileira de museus e museologia*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 3, p. 93-100, 2007.

GUARNIERI, Wadisa Rússio Camargo. Conceito de Cultura e a sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação. In: BRUNO, Maria Cristina de Oliveira (coord.). *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*. São Paulo: Pinacoteca do Estado: Secretaria de Estado da Cultura: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, v. 1, 2010. p. 78 - 85.

HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

LE GOFF, Jacques. Passado/Presente. In: _____. *História e Memória*. Tradução Bernardo Leitão. 5ª edição, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003. p. 203-231.

LEITE, Rogério Proença. *Contra-Usos da cidade: Lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea*. 2ª Ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Aracajú, SE: Editora UFS, 2007.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Museologia e Patrimônio interdisciplinar do campo: história de um desenho (inter) ativo. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, VIII, 2007, Salvador. *Anais...* Salvador: UFBA, ANCIB, 2007. p.1-8.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 17, n. 49, p. 11-29, Jun., 2002.

MATTOS, Paulo César Vilara de. Entrevistas Márcio Borges; Palavra de parceiro Lô Borges; Palavras de Parceiro Milton Nascimento. In: _____. *Palavras Musicais: letras, processo de criação, visão de mundo de 4 compositores brasileiros*. Belo Horizonte: s. Ed., 2006. p.102-177; p.345-348; p. 349-351.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. O museu de cidade e a consciência da cidade. In: SANTOS, Afonso Carlos Marques dos; KASSEL, Carlos; GUIMARÃES, Cêça [Orgs.]. *Museus e Cidades: Livro do Seminário Internacional. Museu Histórico Nacional: Rio de Janeiro, 2003. p.255-282.*

MENSCH, Peter Van. Museological Functions. In: _____. *Towards a methodology of museology. PhD thesis, University of Zagreb, 1992.*

MUSEU CLUBE DA ESQUINA. *Guia turístico de Belo Horizonte: roteiro Clube da Esquina*. Museu Clube da Esquina: Belo Horizonte, 2005.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n.10, p.7-28, Dez., 1993.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir e escrever. In: _____. (Org.), *O Trabalho do Antropólogo*. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp, 2000. p.17-35.

SCHEINER, Tereza Cristina. O museu como processo. In: JULIÃO, Letícia (Coord.); BITTENCOURT, José Neves (Org.), *Cadernos de Diretrizes Museológicas 2: Mediação em museus: curadorias, exposições e ação educativa*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura / Superintendência de Museus, 2008. p.36-49. Disponível em: <http://www.cultura.mg.gov.br/files/museus/1caderno_diretrizes_museologicas_2.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2015.

SCHWEIBENZ, Werner. The 'Virtual Museum': new perspectives for museums to present objects and information using the internet as a knowledge base and communication system. In: ZIMMERMANN, Harald H.; SCHRAMM, Volker (Orgs.), Knowledge Management und Kommunikationssysteme, Workflow Management, Multimedia, Knowledge Transfer. Internationalen Symposiums für Informationswissenschaft (ISI 1998), 6, 1998, Prag. *Proceedings...* Konstanz: UVK Verlagsgesellschaft mbH, 1998. p.185-200. Disponível em: <http://is.uni-sb.de/projekte/sonstige/museum/virtual_museum_isi98>. Acesso em: 15 jun. 2010.

Entrevistas

EMANUEL, Flavio. [Entrevista].2013. Entrevista concedida a JULIANNE PARANHOS VIANA, em 04 de jun. de 2013, na cidade de Belo Horizonte, MG.

KAUAN [Entrevista]. 2013. Entrevista concedida a JULIANNE PARANHOS VIANA, em 13 de maio de 2013, na cidade de Belo Horizonte, MG.

MARTINS, João. [Entrevista].2013. Entrevista concedida a JULIANNE PARANHOS VIANA, em 10 de jun. de 2013, na cidade de Belo Horizonte, MG.

PRIMO, Karminha [Entrevista].2013. Entrevista concedida a JULIANNE PARANHOS VIANA, em 23 de maio de 2013, na cidade de Belo Horizonte, MG.

Data de recebimento: 06.05.2015

Data de aceite: 14.07.2015